



MISSÃO FOTOGRÁFICA
JOINVILLE

ORG. DANIEL MACHADO E LUCILA HORN

Curadoria
Daniel Machado
Lucila Horn

MISSÃO FOTOGRÁFICA
JOINVILLE



Este projeto recebeu recursos por
meio de Lei de Incentivo e seu
conteúdo é de responsabilidade
de seus idealizadores

Joinville, 2024

APRESENTAÇÃO

Este livro é resultado de uma missão fotográfica realizada em Joinville/SC, com tema “Cartografias da Cidade”. O processo foi iniciado através de convocatória aberta, na qual foram selecionadas 13 propostas de projetos autorais, as quais foram desenvolvidas durante o ano de 2023, para compor esta publicação. Com o objetivo de explorar as identidades regionais da cidade, os artistas foram questionados sobre a cidade como fenômeno cultural e lugar físico de trocas materiais ou simbólicas, e a partir de seus projetos iniciais, desenvolveram o trabalho de documentação poética, criando interlocução entre os diversos autores, todos residentes em Joinville.

Entendemos que, na contemporaneidade, a fotografia tem papel importante nas nossas referências visuais, memórias e recordações, e no contexto desta missão fotográfica, cada um dos artistas trouxe ao público suas questões sobre a cidade, apresentando e criando leituras a partir das suas vivências para nos fazer refletir e alimentar a memória das próximas gerações.

UMA MISSÃO FOTOGRÁFICA

Historicamente, as Missões Fotográficas nasceram de um impulso de documentação, ligada ao imperialismo colonialista europeu, que com o desejo de tudo abarcar por meio da imagem técnica levou diversos fotógrafos a missões de documentação ao longo do século XIX. Porém, o conceito de missão no fazer contemporâneo mudou, e ainda que esteja vinculado a uma proposta permanente ou ocasional, que confia a artistas, fotógrafos ou grupo uma documentação sobre um território, atualmente aponta a relevância para a formação de arquivos para a memória, com a criação de documentação que se encontra no limiar entre documento e arte, compreendendo seu valor subjetivo e autoral.

Neste sentido, a Missão Fotográfica Joinville foi pautada no princípio de troca entre diversos olhares para o território joinvilense, e seu resultado é um grande diferencial no momento em que vivemos uma crise de documentação, na qual as representações, inclusive territoriais,

se mostram excessivamente repletas de imagens padronizadas e clichês, sem possibilidade de conter identidades, subjetividades, diversidade e muito menos a memória visual a ser deixada para nossos descendentes.

Propondo um retorno a lugares de memória a partir da poética fotográfica, esta missão combinou o trabalho em equipe com as individualidades de cada fotógrafo, para então apresentar esta coleção de ensaios fotográficos, onde a cidade é entendida como lugar de produção artística e cultural diverso, e que assim pode fomentar a relação da produção e pensamento fotográfico contemporâneo como prática local em diálogo com o universal.

A opção por materializar este projeto em um livro está no entendimento de que este é um espaço expositivo democrático e de maior alcance, que se alinha com os movimentos atuais de publicações (feiras, encontros, festivais) muito importantes na formação e difusão dos trabalhos fotográficos contemporâneos.

ARTE E DOCUMENTO

A proposta deste projeto traz em si a contrariedade do debate que coloca em oposição a fotografia como documento ou como arte. Entendemos que em todas as criações no campo desta missão fotográfica estabelecem-se conceitos que permeiam deslocamentos, materializações e desmaterializações e, ainda, abordam identidade e memória. O que vamos encontrar nos ensaios aqui apresentados é a superação da dicotomia arte/documento e a abertura de um diálogo produtivo com o tempo/espço de um lugar, pois cada trabalho fotográfico nasceu da observação da cidade, mas propicia um outro modo de ver que se insere na práxis criadora.

Desde o advento da fotografia, muitas foram as transformações. Mas, a tensão a respeito da relação entre fotografia e arte ainda reverbera para uma grande maioria de pessoas. E mais, no que se refere à interpretação das imagens fotográficas e seus desdobramentos, grande parte das pessoas permanece na superfície. Como afirma Kossoy (2020, p. 22) , “[...] patinando nas superfícies iconográficas, sem conseguirem relacionar nada além dos seus limites, ainda num estágio, apenas ‘descritivo’”.

Este foi um dos nossos desafios nesta publicação, potencializar

o fazer criativo dos autores envolvidos para repensar as cartografias imagéticas da cidade de Joinville e, neste contexto de intertextualidades, redescobrir a expressão como indissociável da forma.

Observando a produção dos treze autores percebemos que a(s) cidade(s) evocada(s) resultam de um substrato criador de quem pensa a partir da imagem como representação, privilegiando a dimensão poética, “[...] realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas e de segredos implícitos” (KOSSOY, 2007, p. 44) .

O foco é a fotografia como prática criadora que, ao mesmo tempo, é arte e documento, em um movimento onde os fragmentos da observação da realidade são entrelaçados com as bagagens culturais, subjetividades e expectativas estéticas de seus autores. Estes, com uso da fotografia, elaboram suas narrativas poéticas, mais verossímeis ou mais ficcionais, sugerindo a visualidade de uma realidade que é também narrativa de si e indagando o paradoxo objetivo e subjetivo ao apresentar um documento poético do metabolismo social de uma cidade diversa.

OS ENSAIOS

Começamos pela proposta de Paolla Victória, que compôs seu ensaio através dos reflexos onde podemos nos projetar, e nos jogos de luz e sombra que mostram e escondem. Efeitos corriqueiros, mas que exigem muita sensibilidade para percebê-los como poesia, como expressado pela própria artista: “fui desvendando trajetos através de vestígios e do não dito, do que está lá e por vezes não é visto”. O ensaio nos indaga: como os vazios, que estão por toda parte, participam da nossa construção individual e coletiva? O resultado pode não falar estritamente sobre Joinville, mas nasceu da observação dos seus vácuos e dos vazios e pausas necessárias às questões ordinárias da vida em qualquer cidade.

Roseli Sartori tinha a intenção de pesquisar a conhecida Rua Dona Francisca, que para ela é cotidiana, e da qual já possuía algum acervo, tanto do trajeto, como das casas em ruínas invadidas por vegetação. E foi a partir desse material, e principalmente da ideia das ruínas e da história da figura de Dona Francisca nos relatos sobre a cidade, que a artista construiu sua narrativa. Dona Francisca de Bragança, filha do imperador D. Pedro I, foi a responsável pelo primeiro nome dado a região, Colônia Dona Francisca, dada como dote da princesa, e que posteriormente ganha o nome atual

devido ao casamento da monarca com Francisco Fernando de Orléans (1818-1900), Príncipe de Joinville, terceiro filho do rei francês Luís Filipe I. Transitando entre memória pessoal, ruínas reais e rastros da história, Roseli transforma a clássica imagem da princesa em um fantasma sobre a cidade.

Fahya Kury Cassins propõe pensar Joinville nos seus limites visuais de classes, na arquitetura e nos limites geográficos, com base na crítica e na contradição capitalista. Para a autora, “Amar e odiar Joinville é a contradição que muitos de nós, joinvilenses, vivemos”. Para construir seu ensaio, Fahya desenvolve uma síntese visual de oposições, que para ela representam os paradoxos de um conjunto de valores construídos culturalmente e criam uma mentalidade dominante, que exala contradições.

Larissa Halfen vai ao Beco do Caminho Curto, comunidade quilombola ignorada por grande parte dos que vivem em Joinville, cidade que de alguma forma inviabiliza os descendentes de escravos que vivem naquelas terras, o que para a artista, mostra “um retrato da nossa sociedade, repleta de preconceito e racismo”. Para criar sua narrativa, Larissa pautou sua pesquisa nas lideranças femininas que mantêm viva sua cultura, que lutam por seus direitos, deixando esta herança para as próximas gerações.

O ensaio de Fábio Moreira reafirma que Joinville é uma cidade plural e diversa, e traz sua pesquisa sobre uma parte do território joinvilense que permanece desconhecido para a maioria das pessoas. Na cidade mais populosa de Santa Catarina, conhecida pela imigração alemã e por sua vocação industrial, o autor destaca a comunidade do Morro do Amaral - uma das mais antigas do município e formada por descendentes de indígenas, negros, lusos e açorianos, e que ainda encontra na pesca sua principal fonte de renda. Neste contexto, o autor destaca a rotina definida pelo ritmo das marés, em um recorte onde o protagonismo das mulheres pescadoras é enaltecido. Segundo ele, “um pequeno fragmento do vasto oceano de histórias que fazem parte do Morro do Amaral”.

Tirotti desenvolveu sua pesquisa a partir do pensamento que vai da periferia ao centro, e nos apresenta relatos que envolvem sonhos de três personagens reais, para nos indagar sobre desencontros sociais, necessidades e ausências. Cada um dos três ensaios (Babitonga, Mangue e Magia) possui seus personagens, que são apresentados pelo artista:

- “Sr. Airton nasceu e vive às margens da baía da Babitonga e aos 65 anos ainda lembra, quando jovem, que transitava de barco da casa

para qualquer lugar que precisasse ir. Na mesma casa de seus pais, tece e remenda a sua própria rede, objeto de seu trabalho e alimento, retomado depois de sua aposentadoria. Airton é a conexão entre a terra e o mar no bairro Espinheiros.”

- “Seu Bille, vindo de outras e tantas paragens, escolhe a cidade como uma nova origem, depois de tantos caminhos e lutas, aceita o que a vida lhe apresenta, dentre várias atividades, uma delas foi erguer os lares de seus filhos e agora levantar, tábua a tábua o seu próprio lar, num canto que para ele é o seu, não mais no Jardim Iririú, se muda para o ‘Panágua’, assim carinhosamente chamado por seus moradores. Bille é vida, como o mangue, entre o rio e o mar.”

- “Dos muitos que escolhem Joinville está o Elias, lá de Belém do Pará veio criar a diversão, aproveita a brisa urbana para soltar bolhas de sonhos, um trabalho mágico ao soltar bolas de sabão, por sua regência, resiliente e resistente invade a rotina do trânsito, pelos ônibus, carros, crianças e famílias, cruzam as suas histórias de ilusões que valem ser percebidos e capturados.”

Assim, o autor revela protagonistas de uma história do hoje, que se faz nas relações ordinárias que constituem as marginais do corpo cultural presente no território vivo da cidade.

Lais Silveira trouxe o desafio de representar aspectos intangíveis da relação natureza e urbanização, explorando marcas deixadas pela natureza nas brechas e rachaduras do concreto, voltando seu olhar para detalhes de um campo sensível dos seus percursos rotineiros. Dando a ver a resistência da natureza e segundo ela, “utilizando o potencial da arte para “desmascarar” a visibilidade que já conhecemos”.

Luiz Wayller percebeu que a visão aérea trazia à paisagem urbana uma certa organização. O tumulto embelezado, que apesar da quantidade de carros que mostra, não transmite a sensação caótica da hora do rush. Para ele, “de cima, no trânsito, cada um de nós é anônimo, mais um carro, uma bicicleta, um pedestre”. Através do ensaio, o espectador é transportado para dentro do tecido urbano de Joinville.

Dorothy Mendes norteou sua pesquisa em uma característica meteorológica pela qual a cidade é conhecida: a chuva. No ensaio “Precipitação”, a autora faz um relato visual dos dias chuvosos que interferem no cotidiano, e que apesar de trazer dificuldades, segundo ela “traz para a cena a poesia das sombrinhas e guarda-chuvas de diversos

modelos, cores, tamanhos, além dos reflexos e texturas que a chuva proporciona aos registros fotográficos”.

Uma galeria efêmera é o que Amcle Lima torna permanente neste livro, e segundo ele nesta galeria “ninguém podia pendurar quadros, porque as paredes eram do lado de fora”. O autor celebra em seu ensaio uma Joinville que pulsa arte, mas uma arte em seus muros, paredes de casas abandonadas e qualquer cantinho que se possa pintar.

Retratar o cotidiano da cidade na perspectiva dos passageiros de ônibus foi a pesquisa de Leandro Moreira, mostrando o ponto de vista praticado por grande parte da população da cidade. Para ele, “a vida urbana é sobre a classe trabalhadora da cidade”. Cada janela desenrola narrativas e revela conexões e movimentos que convidam o espectador a se envolver com as histórias que contam.

Para Eduarda Ramos, viver em uma cidade essencialmente industrial ofusca a arte e o entretenimento; e por vezes traz a sensação de enclausuramento. Sua pesquisa traz um relato do viver de uma jovem em Joinville, seus espaços de suspiro de vida em meio à rotina corrida da sobrevivência; e, segundo ela, “um lembrete de que há mais da vida além daquilo que a agenda enquadra, quero mostrar lugares acessíveis física e financeiramente; que para mim, são uma clareira aberta e iluminada em um mar de fumaça escura”.

Luiz Henrique explorou os morros de Joinville com sua bicicleta e, de ponto a ponto, criou perspectivas inusitadas para, em suas palavras, “de cada pico nos revelar uma nova face da cidade”. Com suas imagens, que finalizam este livro, o artista desafia nossa percepção e nos propõe ver esta cidade cheia de possibilidades, encontros e desencontros entre centro e periferia.

Daniel Machado e Lucila Horn

E N S A I O S

Ingressou nas artes ainda criança, por meio de oficinas e cursos livres, ministrados por artistas independentes de sua cidade natal. Acadêmica do curso de bacharelado em Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville - Univille, atuou como voluntária no Laboratório de História Oral da Univille - LHO e Centro Memorial da Univille - CMU, executando pesquisa e conservação de obras artísticas. Na área, também atuou como Estagiária em mediação/ações educativas no Instituto Internacional Juarez Machado. Com uma pesquisa poética e produção técnica voltada para a fotografia como suporte pictórico e performático, busca o diálogo entre o meio urbano e a natureza, através da confluência entre a fotografia documental e artística, explorando composições fragmentadas, através de vestígios, formas, texturas e contrastes, tais como a luz e sombra.

V E S T Í G I O S U R B A N O S :
U M A P R O J E Ç Ã O D A
E X I S T Ê N C I A

P A O L L A V I C T Ó R I A













Roseli Sartori é artista visual graduada em psicologia com estudos em fotografia, cerâmica e história da arte pela Casa da Cultura de Joinville. Sua pesquisa parte da fotografia e aprofunda-se na utilização de arquivos de imagens e na confecção de livros de artista. Integrante da Associação de Artistas Plásticos de Joinville, foi presidente da diretoria na gestão 2023/2025. Participa regularmente de exposições coletivas em Santa Catarina, no Rio de Janeiro, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul desde 2019. Em 2021, foi uma das oito artistas selecionadas pelo Salão de Artes Visuais de Vinhedo e teve dois dos seus trabalhos adquiridos pelo concurso. Em 2022, via Lei Aldir Blanc, formou e organizou a exposição coletiva com trabalhos das duas turmas participantes do projeto Oficina Livro de Artista. Em 2023 teve projetos de exposição aprovados em editais em Blumenau -MAB Museu de Arte de Blumenau), Fundação Indaialense de Cultura- Indaial e Florianópolis - ALESC Galeria de Arte Ernesto Meyer Filho.

A S S O M B R A

R O S E L I S A R T O R I

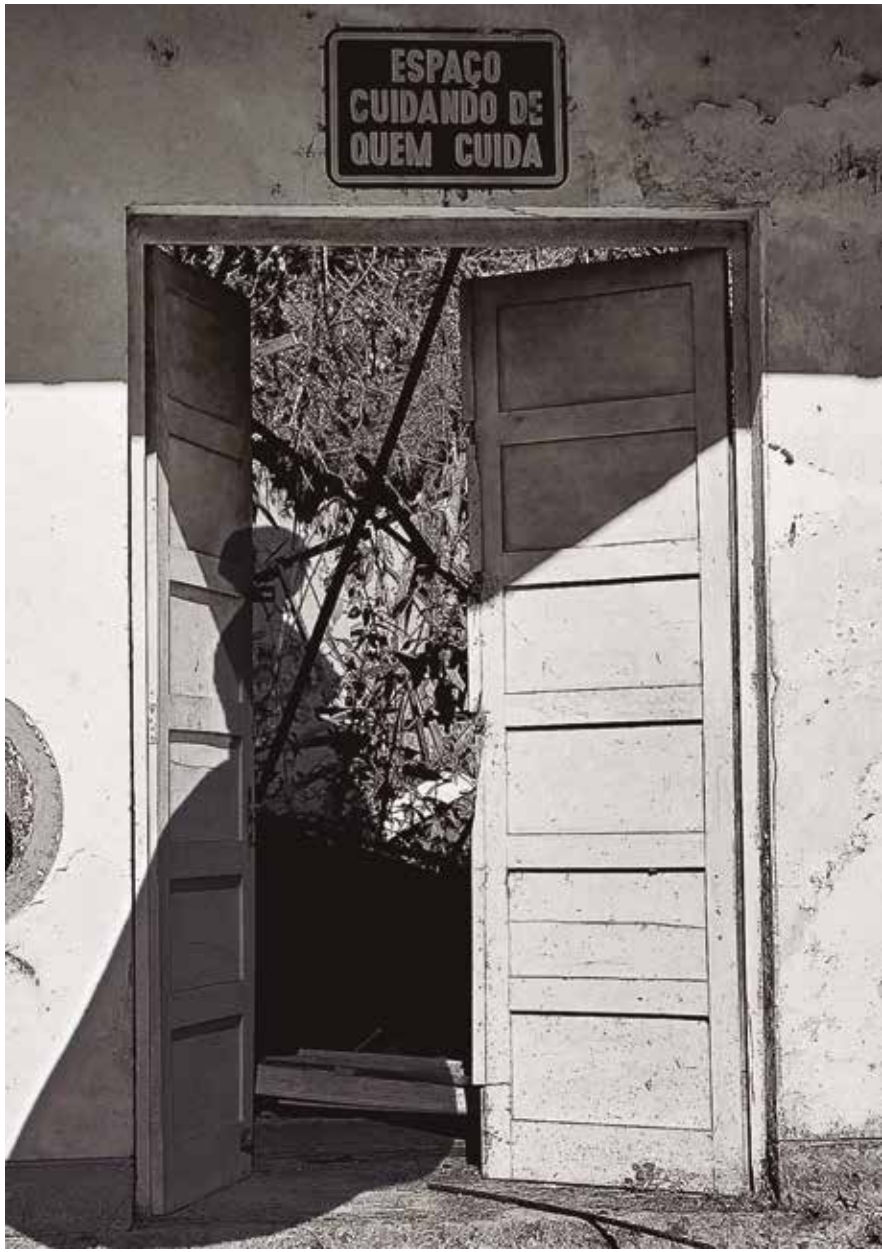














Faya Kury Cassins faz cinema, é roteirista, diretora e produtora. Escritora e fotógrafa por paixão. Graduada em Cinema (UNISUL) e em Filosofia (UFSC), Mestra em História (UDESC).

R E S I S T I R

F A H Y A K U R Y C A S S I N S





Larissa Halfen é uma artista multidisciplinar que busca a harmonia entre o moderno e o tradicional. Sua abordagem artística é dinâmica, sempre em busca de novas formas de expressão. Participante ativa de diferentes oficinas e cursos, sua jornada inclui experiências em crítica de arte, história da arte com foco em artistas mulheres, além de exploração em técnicas variadas como gravura, pintura e fotografia. Expõe regularmente, destacando as exposições: “Arte Postal - 100 anos de Victor Kursancew” e “Um Século de Inspiração: O Legado Cultural de Victor Kursancew”, realizadas entre 13 de agosto de 2020 a 11 de julho de 2021 na Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew. Em 2021, participou da exposição coletiva “Insurgências”, na Ambalit. Já na Associação de Artistas Plásticos de Joinville (AAPLAJ), participou de diversas exposições coletivas, dentre elas: “Oficina Livro de Artista” com curadoria de Gleber Pienez (2022); “Diálogos”(2023) e ainda no mesmo ano, participou do coletivo antropofágico na exposição “LUGARES [de dentro e de fora]”. Desde 2020, está dedicada aos estudos em Artes Visuais na Universidade da Região de Joinville.

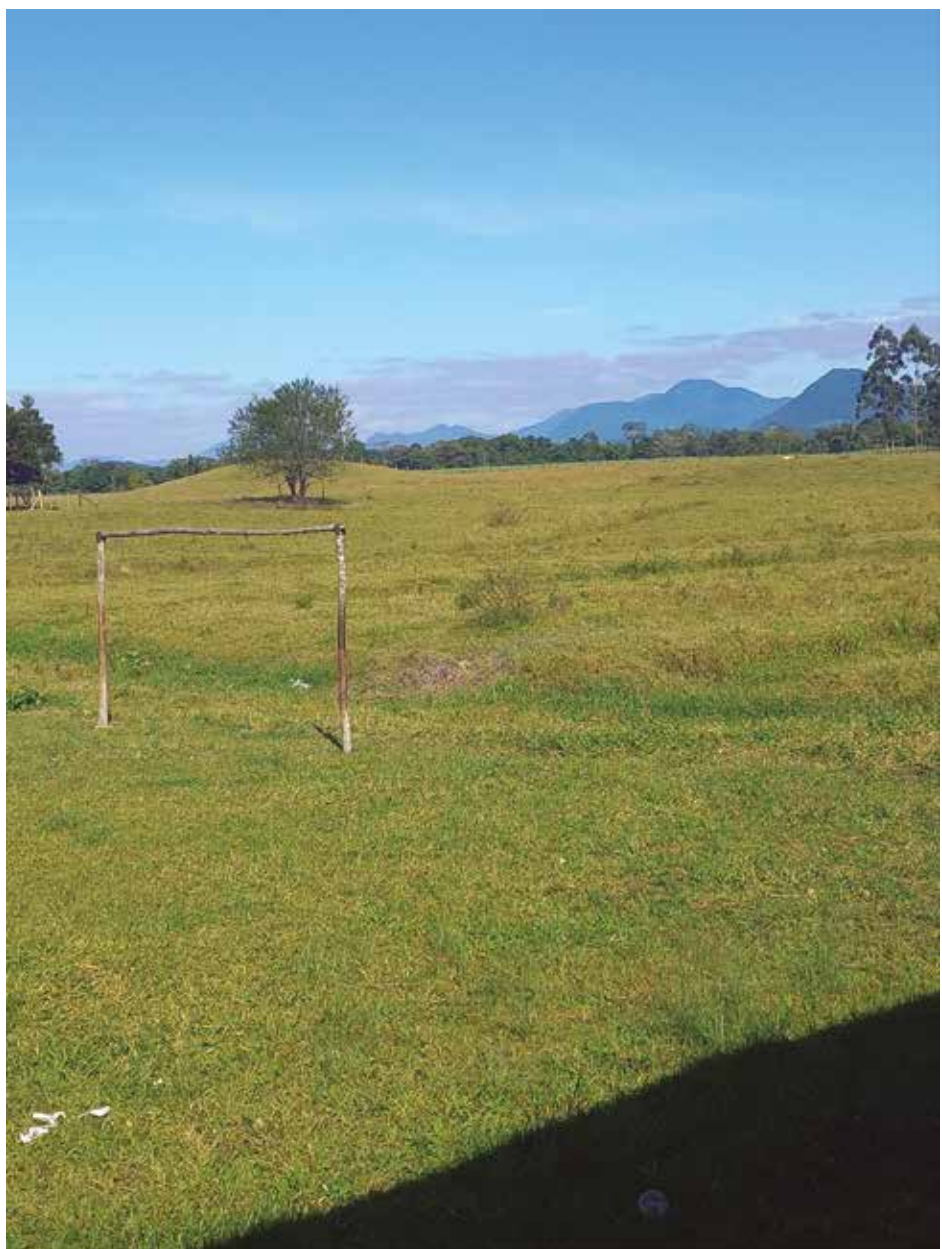
[R E] E N Q U A D R A M E N T O S
D O O L H A R

L A R I S S A H A L F E N









Fabio Moreira é natural de Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Graduado em Fotografia (2016) e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade (2021) pela Universidade da Região de Joinville UNIVILLE, Fabio transita entre a fotografia de paisagem e o trabalho documental, além de investigar a relação entre palavra e imagens. Os principais temas de suas investigações estão relacionadas a cultura, natureza, paisagem, memória e identidade.

A R E M A R É

F A B I O M O R E I R A

















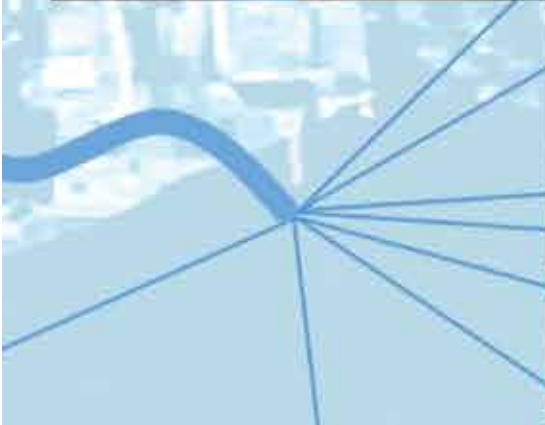




TiroTTI é Design pela FAAP e mestre pela UFSC. Exposições individuais: No vazio na galeria SESC Joinville-SC (2022); Optação de rumo, virtual com visão 360o (2020); Movimentos Civis na Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí/SC (2019); Partilha da Imagem - Galerias do SESC de Joinville/SC e Jaraguá do Sul (2017); O Possível Fragmento - MAJ, Joinville/SC (2014); Coletivas: Hybrid33 - Galeria 33 - Joinville; Os clássicos joinvilenses (2023); Galeria 33 - Joinville (2023); Bienal de Curitiba – Polo SC – MASC, Florianópolis/SC (2019); Artepicta2 - Instituto Internacional Juarez Machado, Joinville/SC (2019); O Desígnio e a Matéria – Sesc Interlagos, São Paulo/SP, Sesc Palmas/TO, Sesc Arapiraca/AL e Sesc Iguatu/CE (2019); 70 anos do MASC, Florianópolis (2018); Bienal de Curitiba – Polo SC – Fundação Badesc, Florianópolis/SC (2016); Back and Forth - VISA Gallery, St Chatarines, Canadá (2016). Atua como professor universitário em cursos de cinema, artes visuais e design. Pesquisa a imagem e suas representações na busca de novas narrativas, em um território onde a matéria, o espaço e o tempo, sejam um só, ao traduzir algum evento aberto às novas interpretações. Realizou doze exposições individuais, participou de exposições no Brasil e duas delas no exterior, de cinco prêmios, dois são aquisições de acervos institucionais.

B A B I T O N G A , M A N G U E
E M A G I A

T I R O T T I













Lais Silveira é Graduada em Fotografia (2015-2017) e pós-graduada em UX Design (2023-2024) pela UNIVILLE. Desde pequena se interessava por arte e trabalhos manuais. Viu na fotografia uma poderosa ferramenta de autoconhecimento e expressão, usando-a para mostrar sua forma de ver e sentir. Hoje se identifica como alguém multicriativa, pois gosta de aprender e testar coisas novas. Poesia, fotografia, ilustrações, design, crochê, bordado... coisas diferentes, mas complementares, que fazem parte de sua essência e permeiam suas criações.

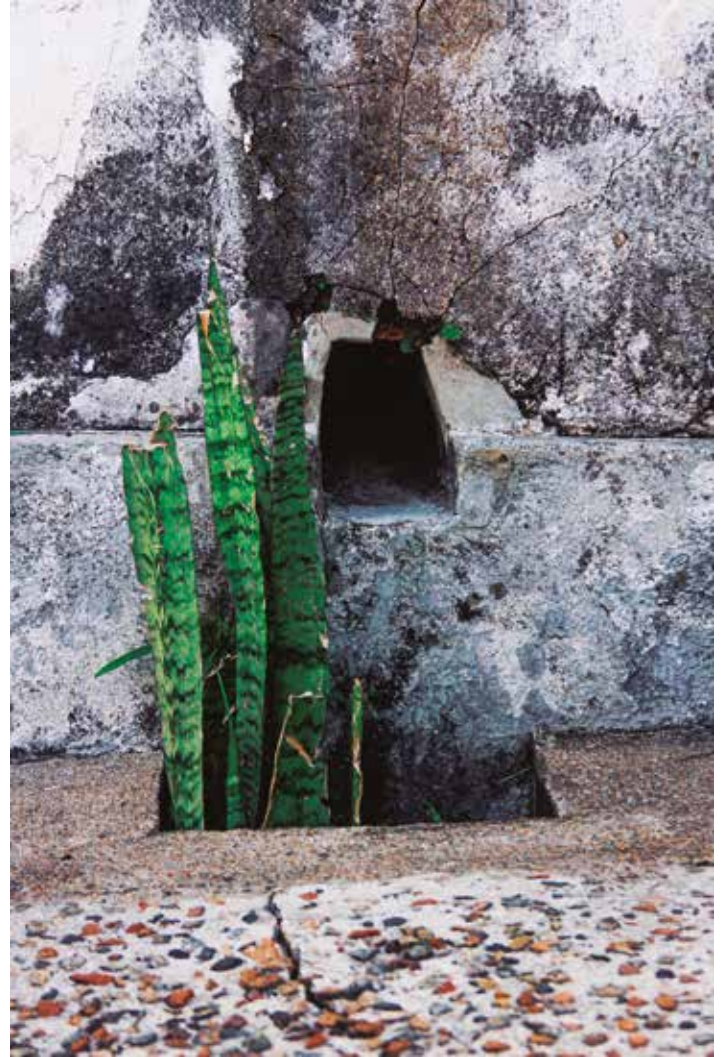
A P E L E D A C I D A D E

L A I S S I L V E I R A

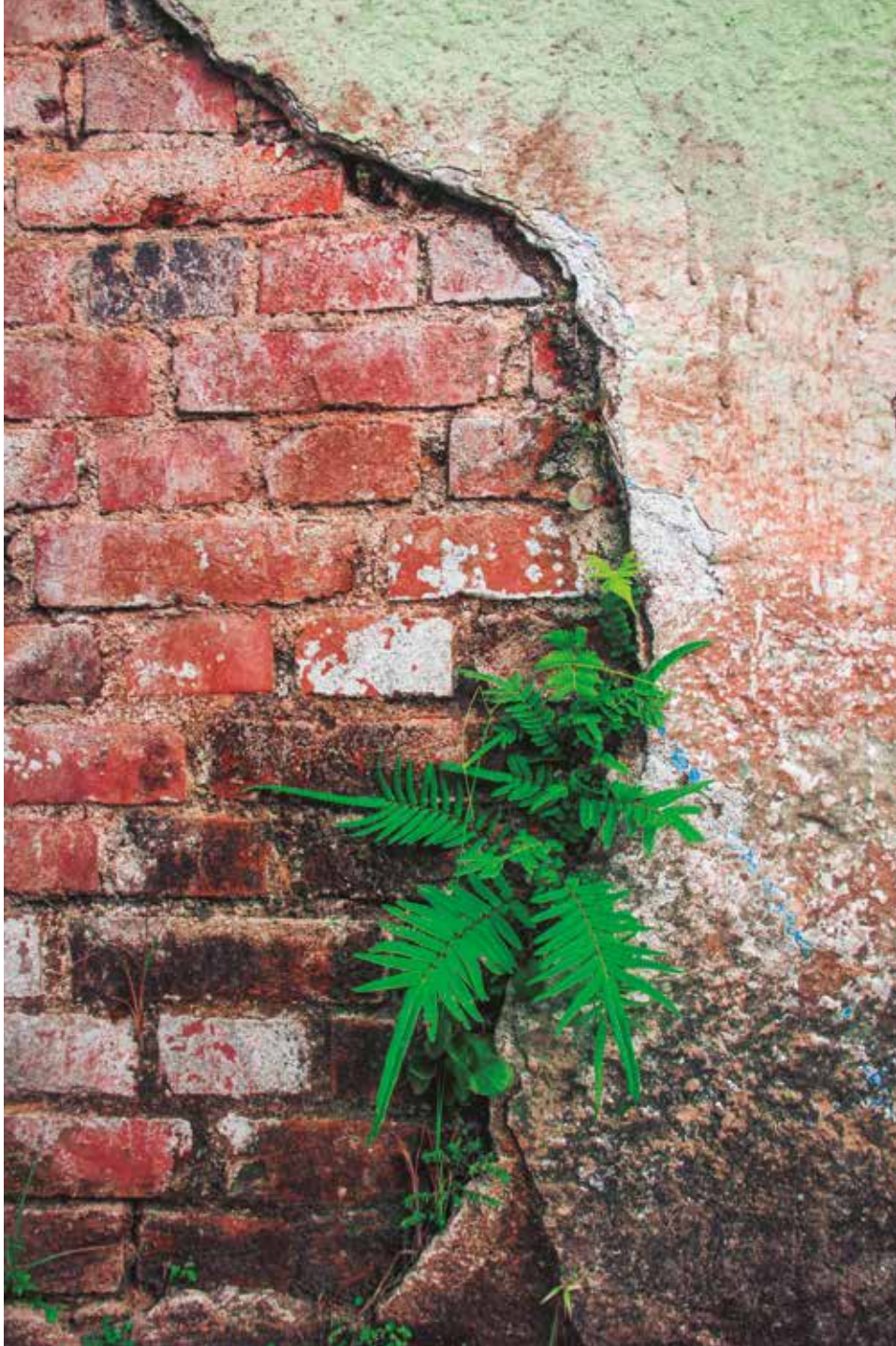










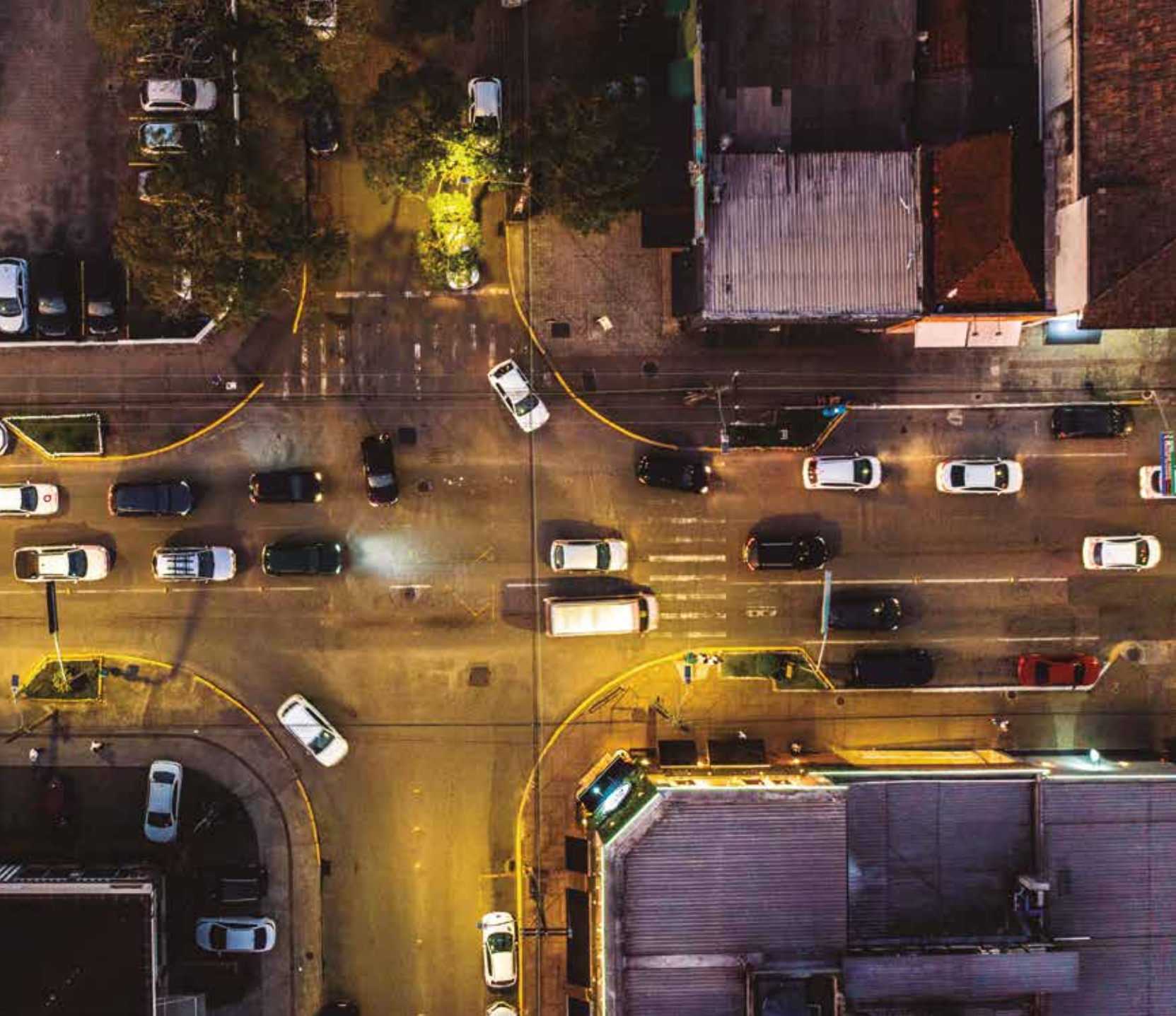


Luiz Wayller Athaides trabalha há mais de 1 década com produção audiovisual. Sócio e diretor na produtora Longplay Filmes. Usa a fotografia na busca por expressão, aliada a estética, utilizando a técnica para transmitir sua visão sobre o mundo.

H O R A D O R U S H

L U I Z W A Y L L E R A T H A I D E S





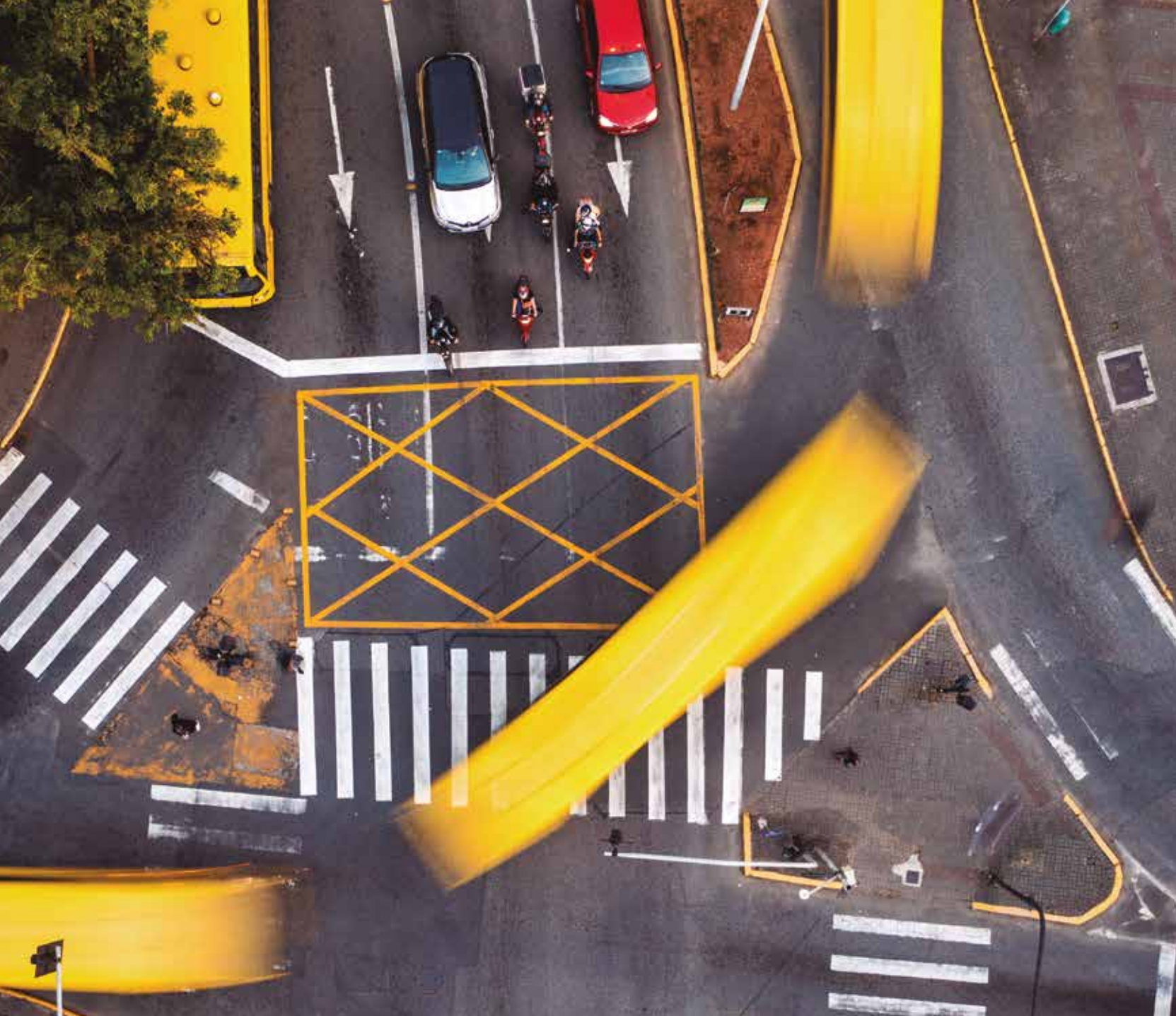














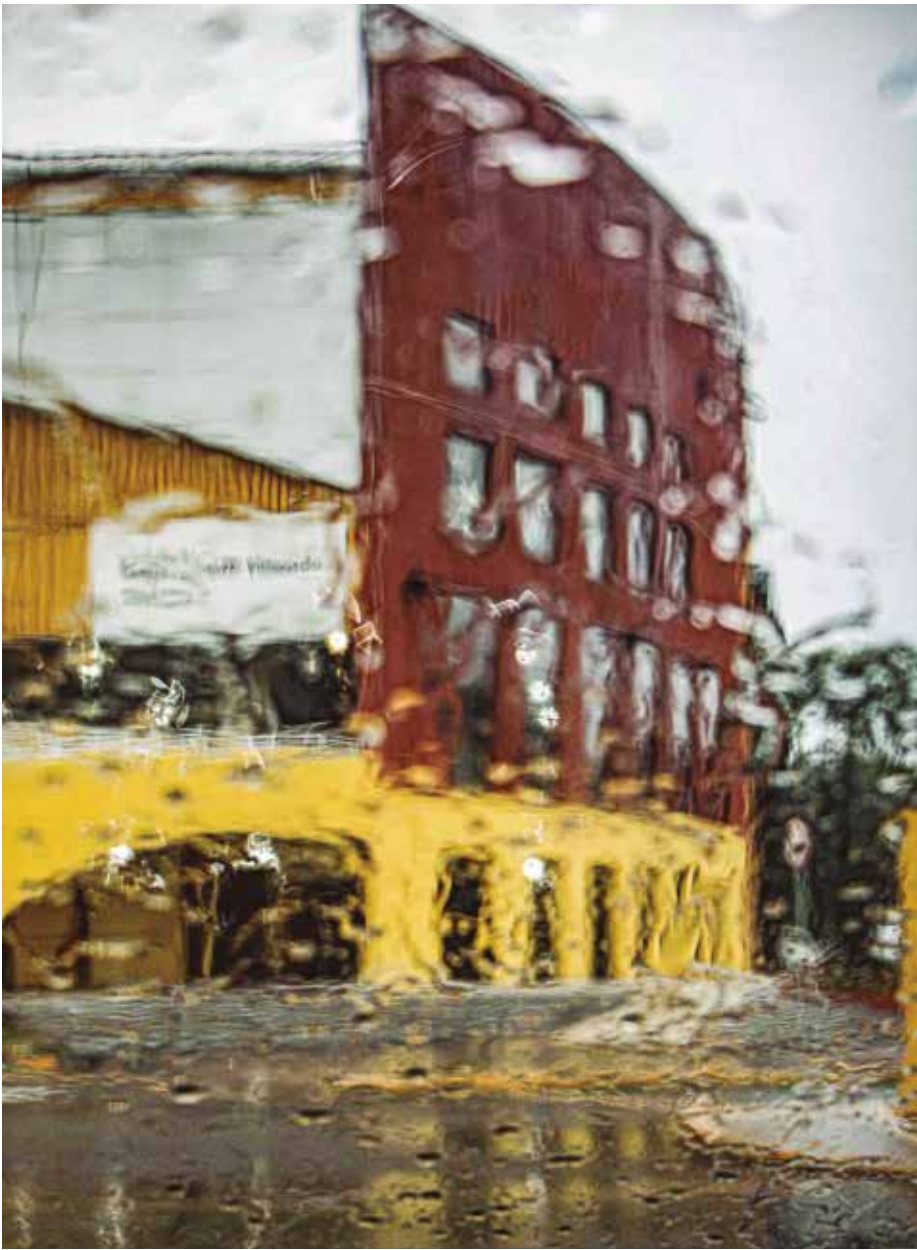




Dorothy Mendes é formada em Geografia. A fotografia surgiu como uma liberdade, para expressar o que vê no mundo a sua volta e os detalhes algumas vezes despercebido, tem interesse pela grande diversidade de paisagens, tanto em longas caminhadas como num simples transitar pela cidade, e na sua expressão busca dar atenção especial para o destaque das texturas e cores.

P R E C I P I T A Ç Õ E S

D O R O T H Y M E N D E S













Amcle Lima é pai, marido, filho, bancário, compositor, joinvilense, cataúcho, jornalista, fotógrafo amador, amante de cinema, música, literatura, fotografia e tem um leve carma de poeta. A ordem, depende do dia e o dia é que faz a ordem. Como compositor, tem canções escritas em parceria com artistas independentes como Fernando Kah, Ricardo Ledoux e Tiago Luis Pereira, da banda Mosaico Adulto. Prepara, há alguns anos, um EP com algumas de suas músicas – que será lançado algum dia. Como fotógrafo, gosta de fotografar a luz, as cores e as formas. Algumas vezes, pessoas. Como jornalista, colaborou com a Revista Francisca e com o extinto jornal online, O Mirante. Ambos de Joinville SC.

T O D A [P A R E D E]
É U M P O E M A E M
P O N T O M O R T O *

A M C L E L I M A

*Referência ao poema da personagem Copi, do livro “As Fantacias Eletivas”
do escritor catarinense Carlos Henrique Schroeder:
“Toda palavra é um poema em ponto morto”.







DESAFIO A Anage
VOCÊ ESTÁ PERDENDO O SEU

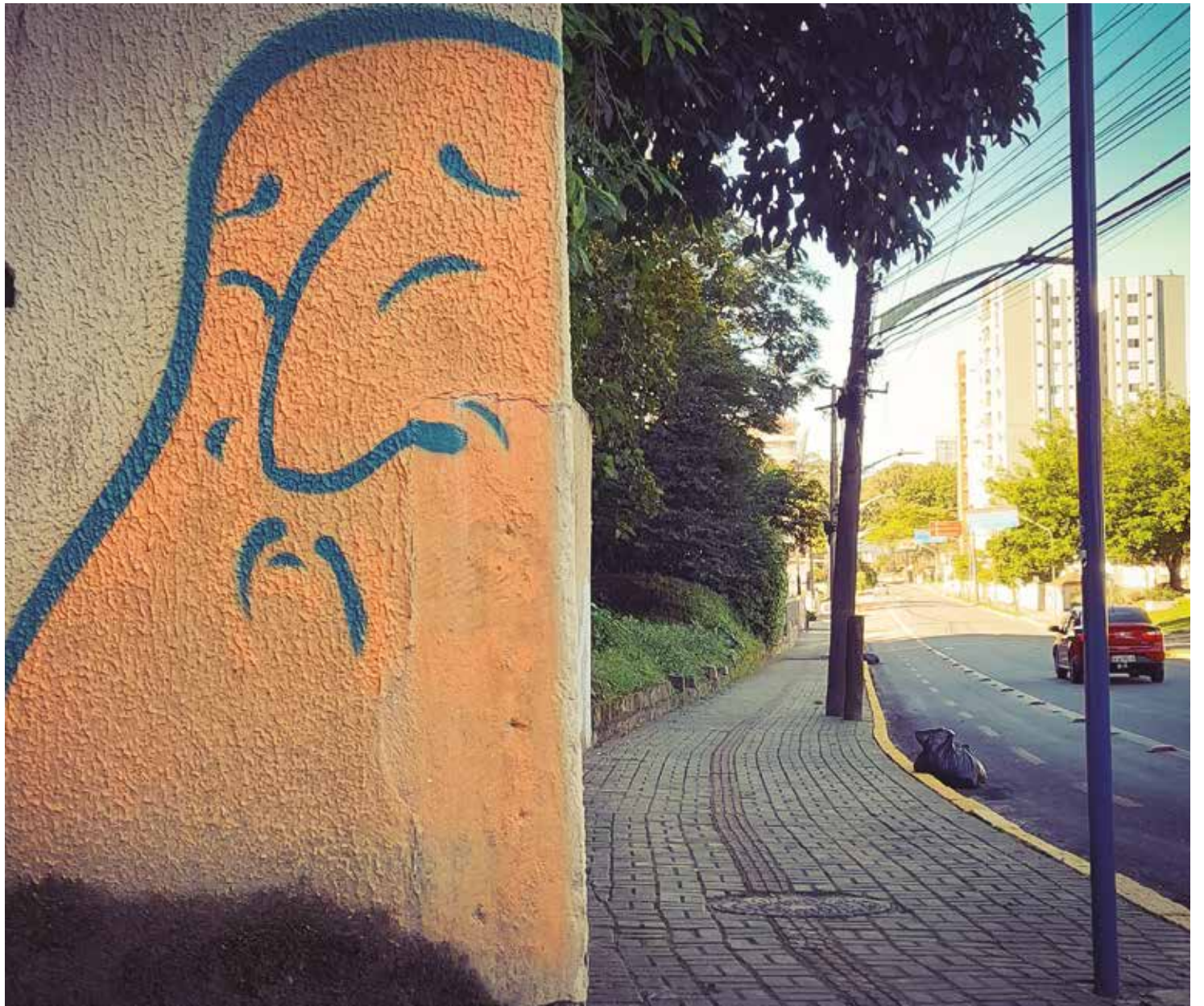
QUEL COMPARE
VENHA E O ANAGE
NA ZONA

JANCA
→ 1955



falha
vazio
incompletude
falta

















Leandro Moreira teve seu contato com a fotografia através do irmão, aos 14 anos, e se intensificou a partir das aulas de fotografia que faziam parte da graduação em Publicidade e Propaganda.

Em seu trabalho, retratos artísticos e registros documentais são predominantes. Seus retratos têm como característica uma linguagem onírica, que transporta o espectador para um universo de sonho e imaginação. Já seus registros documentais trazem reflexões e dão visibilidade a indivíduos e situações cotidianas que passam despercebidos diante da vida agitada da cidade.

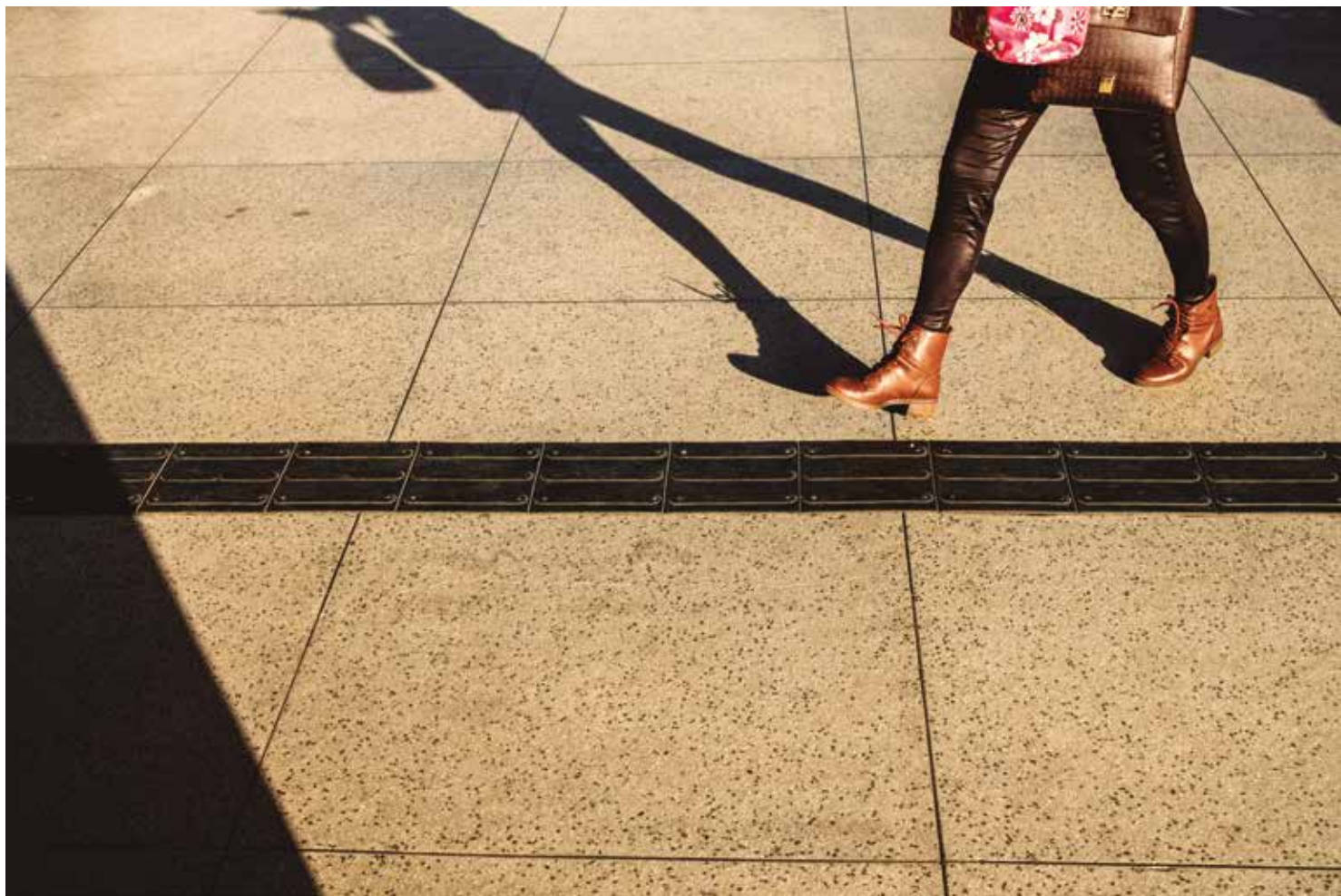
Leandro integrou o Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte – NEFA de Joinville em 2022, participou de exposições coletivas na Fundação Cultural BADESC e na Galeria Helena Fretta, em Florianópolis, e desde 2023 faz parte da Associação de Artistas Plásticos de Joinville - AAPLAJ.

P A S S A G E I R O

LEANDRO MOREIRA

JOINVILLE

A photograph of a yellow wall with the word "JOINVILLE" written in red, slanted, sans-serif capital letters. Below the text is a thick black horizontal bar. To the right, a curved black structure, possibly a wheel or part of a vehicle, is visible. The background is a solid yellow color.





















Eduarda Ramos explora todas as expressões e formas da arte, mas é especialmente encantada pela música e pelo cinema. Sempre apreciou e se aventurou pela fotografia, mas a imersão real teve início quando passou a ver a vida de forma mais poética e menos prática; os momentos e paisagens começaram a ser registrados para compor o livro adaptado do filme que é sua vida real. Eduarda sabe o que quer e de onde veio, mas não sabe exatamente para onde vai. Pensa às vezes que talvez o mundo inteiro seja seu quintal.

L U Z E S N E O N
D E U M A C I D A D E
(M E I O) F A N T A S M A

E D U A R D A R A M O S























6 9 '23

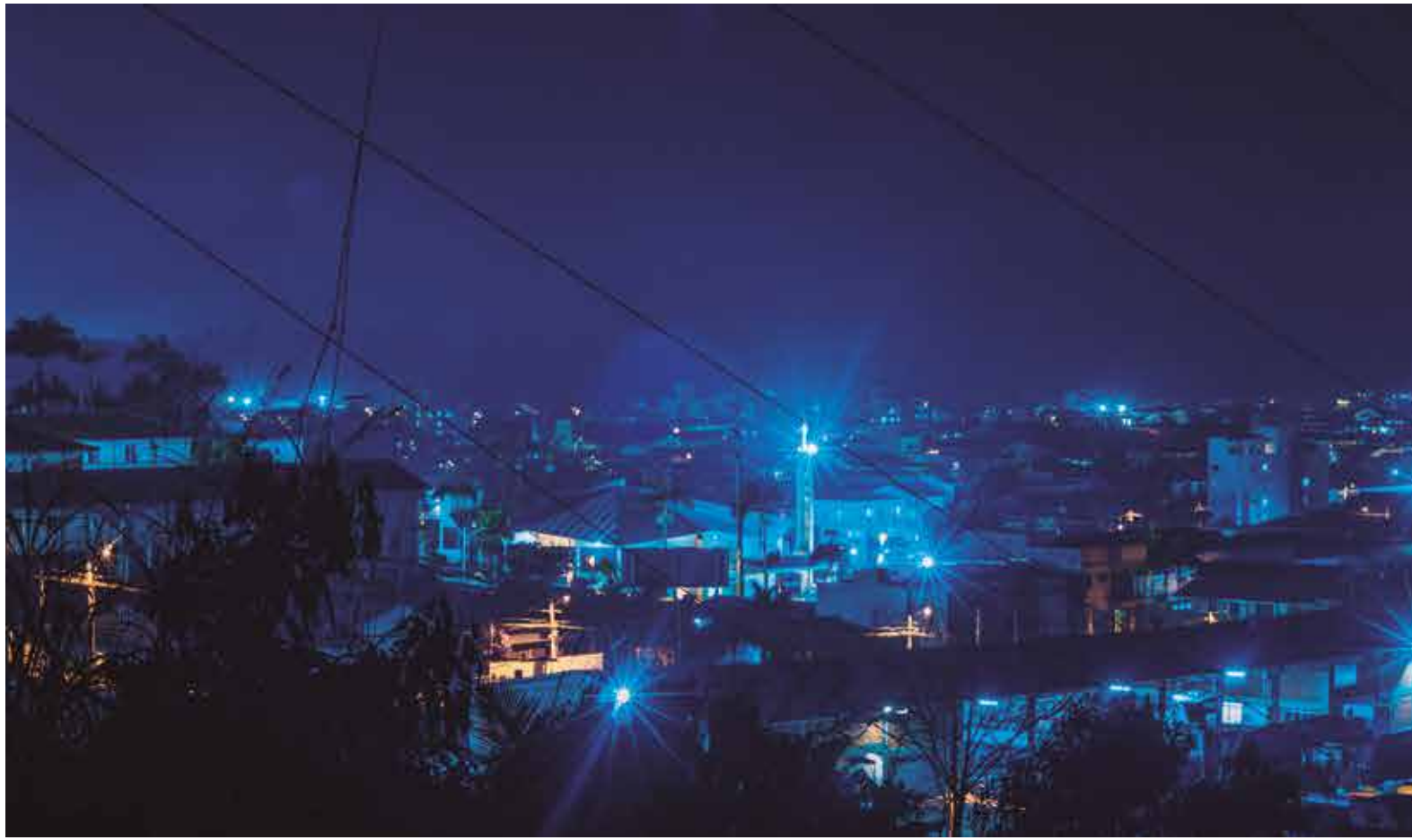
Designer e fotógrafo há mais de dez anos e também ciclista com mais de 40 mil quilômetros pedalados.

J O I N V I L L E D E C I M A

L U I Z H E N R I Q U E



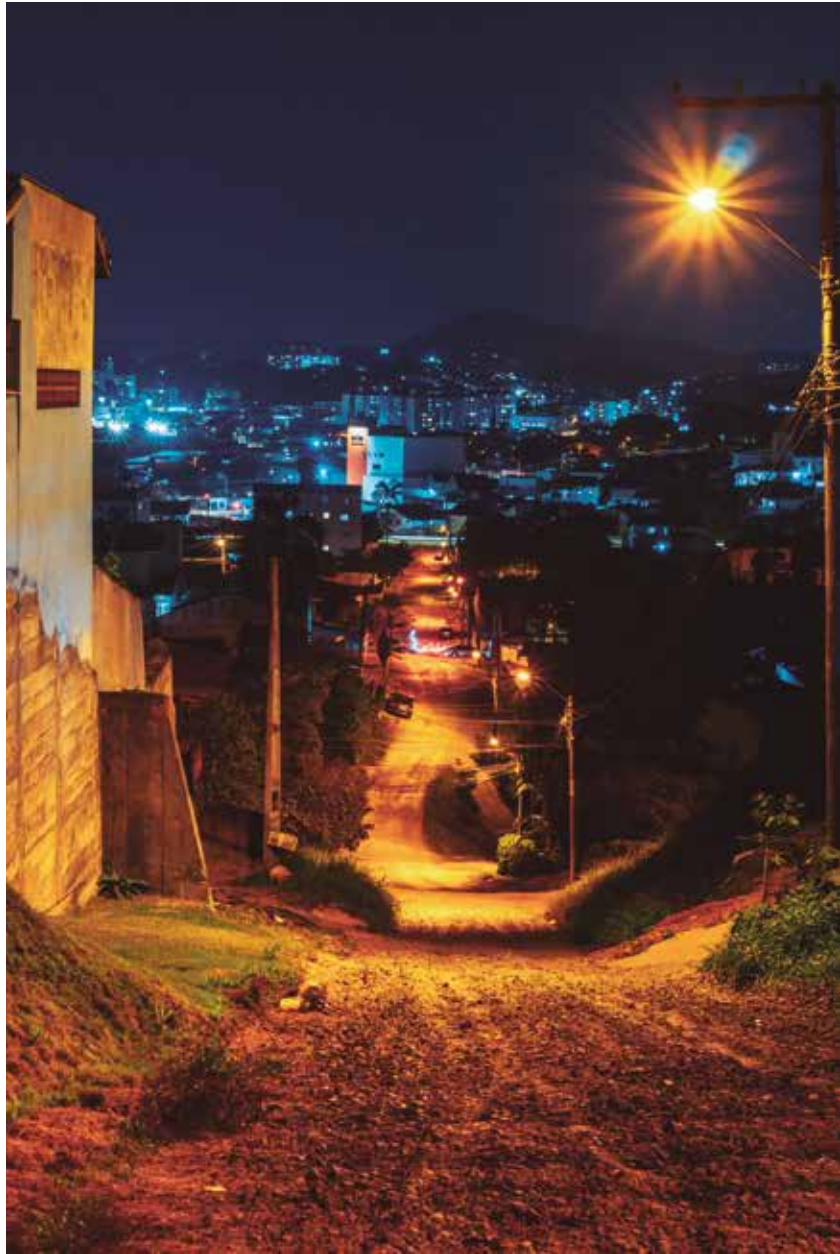


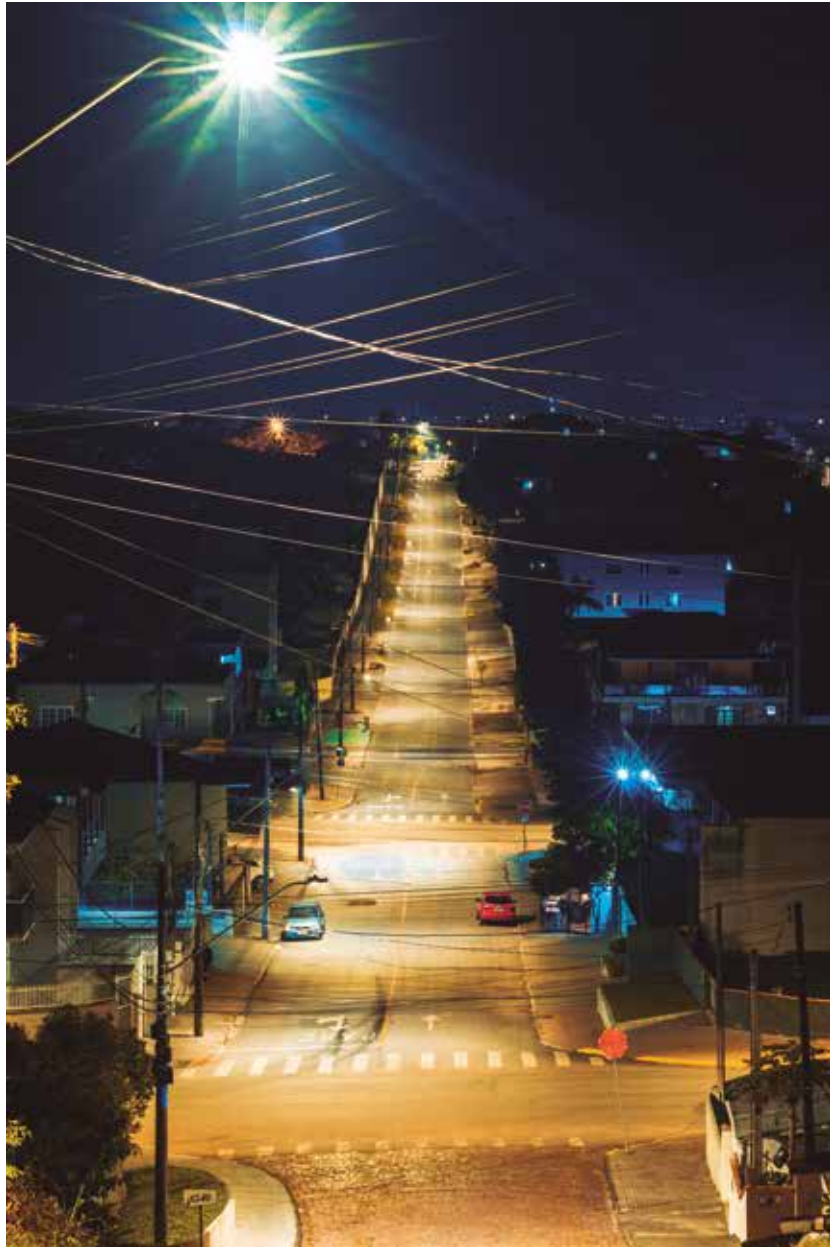


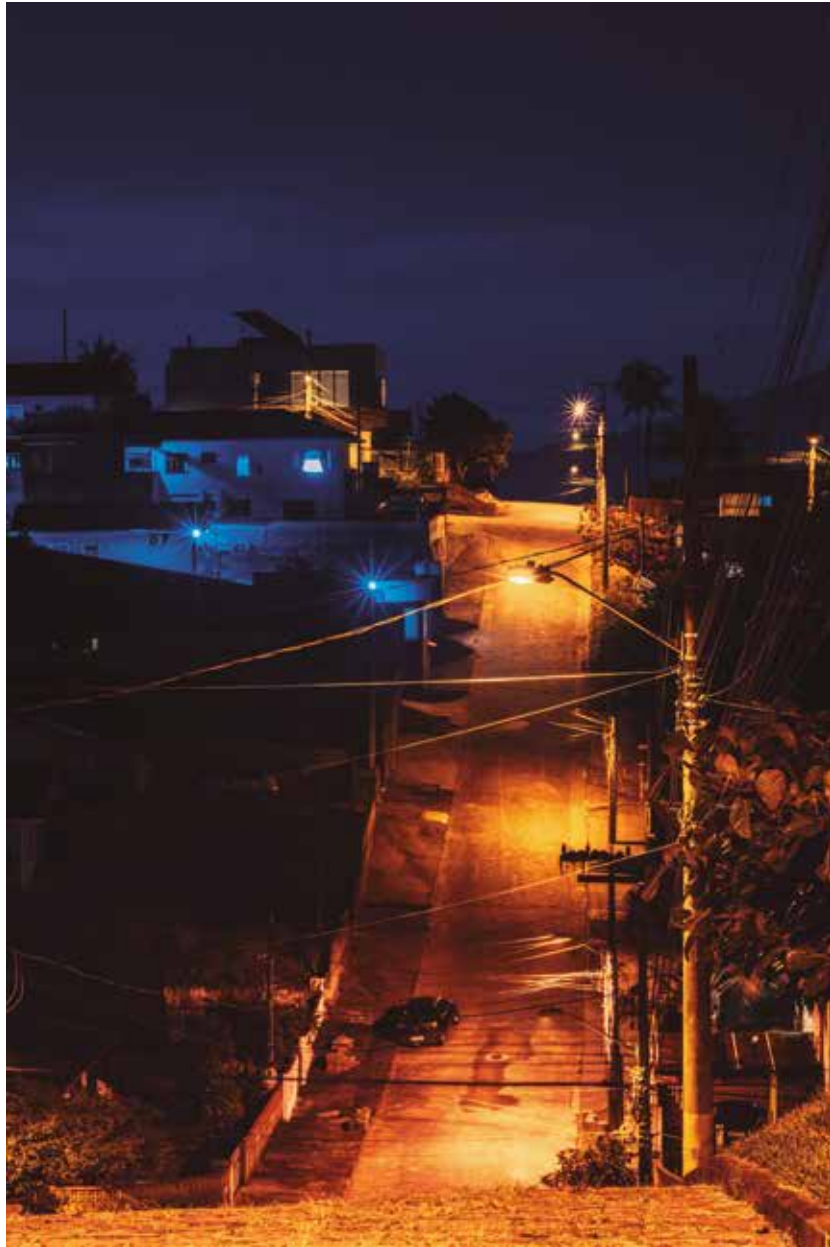


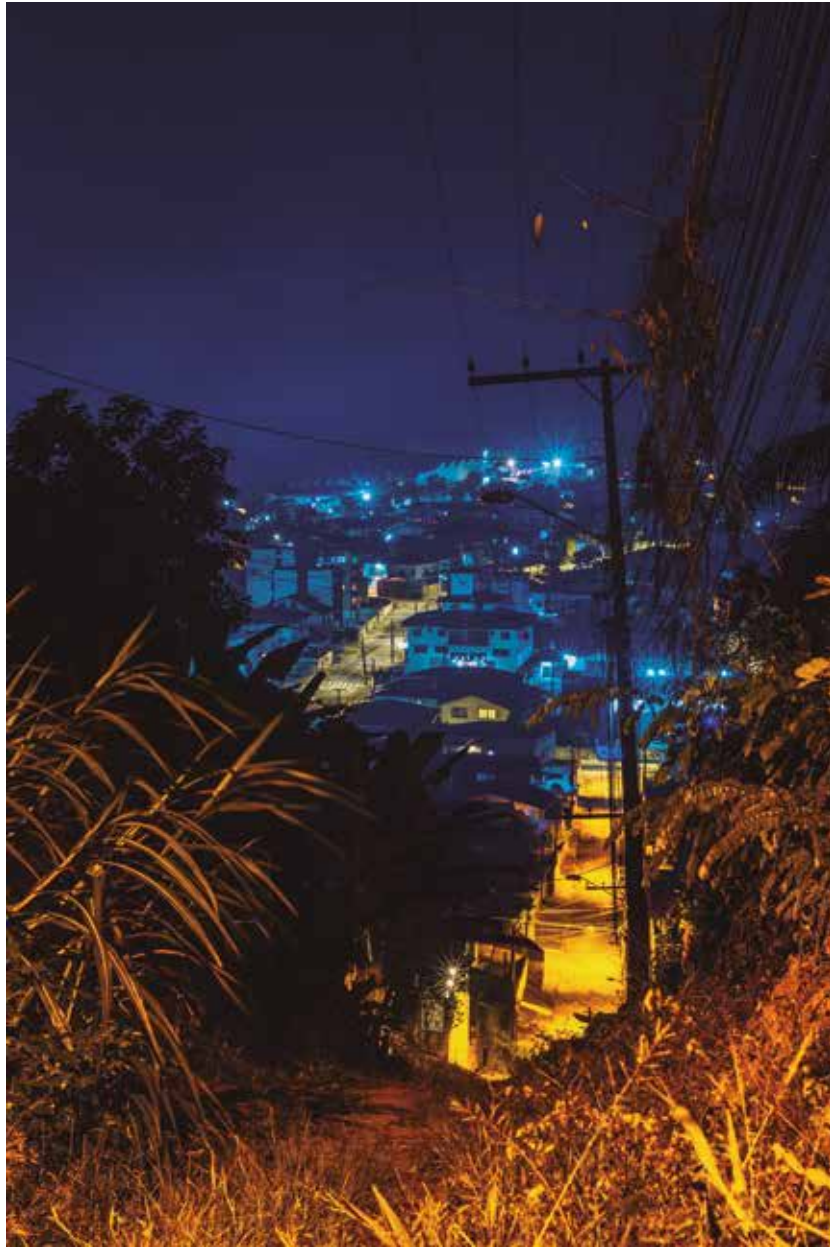












O LUGAR DO LIVRO NA MISSÃO

A relação entre fotografia e o objeto livro se estabeleceu desde os primeiros anos da “invenção” da imagem fotográfica. Em 1851 o francês Blanquart Évrard criou uma indústria gráfica e estabeleceu os primeiros procedimentos técnicos produtivos para a criação e comercialização do livro de fotografia. Évrard fazia parte da Société H  liographique, uma associa  o de cientistas e artistas interessados na fotografia como forma de expressão e investiga  o documental de um território. Surge, nesse período, a primeira Missão Fotográfica, intitulada Missão H  liographique.

Durante muito tempo a imagem fotográfica em livros teve uma fun  o mais ilustrativa e individual. No entanto, desde a década de 30 do século XX, artistas começaram a explorar o livro de fotografia como uma plataforma para contar histórias e experiências de vida. Podemos citar como um dos precursores nesse processo o livro de Walker Evans, *American photographs*.

Desde então, um longo caminho tem sido percorrido por diversos autores e institui  es para compreender a potencialidade da rela  o entre o objeto livro e a fotografia na constru  o de histórias. Aos poucos, surge o conceito de literatura visual, ou seja, a possibilidade de construir histórias estruturando as parcerias entre imagens e as sequências dentro de um livro, estabelecendo critérios linguísticos que permitem a cria  o de uma narrativa visual.

Nesse sentido, o livro tem papel fundamental, oferecendo uma oportunidade de intera  o que antes era do campo da literatura escrita. O autor que utiliza a fotografia, e deseja trabalhar com o livro como suporte, necessita ter conhecimento sobre como as formas e os conteúdos de suas imagens se relacionam e criam uma experiência de leitura. O desafio não    o de cria  o de boas imagens, mas sim de estabelecer rela  es entre elas para expressar conceitos, questões e impressões pessoais.

Para além dos desafios linguísticos de uma narrativa visual, o livro oferece a oportunidade de pereniza  o. Ao contrário da exposi  o que

tem tempo e prazo de duração, o livro dura no tempo, no espaço e na relação com os leitores. Circula para além do controle de seus autores.

Em um projeto como a Missão Fotográfica Joinville, mostra-se acertado o estabelecimento da plataforma livro como objeto final de desenvolvimento e criação. A documentação poética proposta neste projeto caminha de braços dados com a contemporaneidade das reflexões no campo artístico, antropológico e histórico.

Em um país que sofre de perda de memória crônica, o livro foi, é e será sempre um bolsão de resistência nesse processo de apagamento.

Marcelo Greco

CURADORIA

Daniel Machado



Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, pós-graduado em Fotografia e bacharel em Design. Leciona em cursos do setor de economia criativa na Univille e atua com diversos gêneros da fotografia, utilizando dela também como expressão artística na criação de narrativas visuais que apresentam resultados de investigações culturais. Fotógrafo e Coordenador Cultural da OMUNGA Grife Social e Instituto. Seu trabalho já foi exposto em locais como Museu de Arte de Joinville, Instituto Internacional Juarez Machado, Museu de Imagem e Som do Paraná, Centro Integrado de Cultura de Santa Catarina, entre outros, além de serem publicados em livros de autoria própria e coletivos.

www.fotografodaniel.com / [@fotografodaniel](https://www.instagram.com/fotografodaniel)

Lucila Horn



É Artista, Curadora, produtora e Arte educadora, graduada em Artes Plásticas, pós-graduada em Pintura, especialista em Arte e Ciências Humanas, e em Fotografia, mestre em Educação e Cultura e doutoranda em Educação pelo PPGE- FAED – UDESC. Artista desde 1987, desde 1989 atua na área de educação. Como curadora desenvolveu importantes projetos, destacando-se as exposições “Brasil África em nós” (Parceria com Walter Firmo - 2009) no MIS SC, “Fotografia(s) Contemporânea Brasileira: Imagens, Vestígios, Ruidos” (2013-2014) no Museu de Arte de Santa Catarina – MASC, co-curadoria de “Translitorânea” (2014) com curadoria de Michel Poivert, no Museu da Escola Catarinense. Coordena o Festival de Fotografia Floripa na Foto e o Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte - NEFA.

www.nefa.com.br / [@luhorn](https://www.instagram.com/luhorn)

PARTICIPANTES



Eduarda Ramos
behance.net/duddaramos
@dudda.ramos



Lais Silveira
@lali.fotog



Amcle Lima
@amclelima



Fahya Kury Cassins
www.fahya.com
@fahya_kury_cassins



Larissa Halfen
@larissahalfen



Dorothy Mendes
@dorotymendes



Fabio Moreira
@junckesmoreira



Leandro Moreira
@leandromoreira.foto



Luiz Henrique
@joinvibes



Luiz Wayller Athaides
@luizwaay



TiroTTi
atelietirotti.wixsite.com/tirottiarte
@tirotti.arte



Paolla Victória
@paollavic.s



Roseli Sartori
@roseli2101

Copyright © 2024 NEFA

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e dos artistas.

Coordenação Daniel Machado

Produção Lucila Horn

Curadoria e edição de imagens Daniel Machado e Lucila Horn

Consultoria Marcelo Greco

Capa e projeto gráfico NEFA

Fotografia de capa Leandro Moreira

Fotografias

Amcle Lima

Dorothy Mendes

Eduarda Ramos

Fahya Kury Cassins

Fabio Moreira

Lais Silveira

Larissa Halfen

Leandro Moreira

Luiz Henrique

Luiz Wayller Athaides

Paolla Victória

Tirotti

Roseli Sartori

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Missão fotográfica Joinville / curadoria Daniel Machado, Lucila Horn. -- Joinville, SC : Núcleo de estudos em fotografia e arte, 2024.

ISBN 978-65-996037-1-6

1. Fotografia 2. Joinville (SC) - Descrição
I. Machado, Daniel. II. Horn, Lucila.

24-203661

CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

NEFA - Núcleo de Estudos em Fotografia e Arte
contato@nefa.com.br / www.nefa.com.br
(48) 9993-51533

NEFA Joinville - (47) 98492-0092



Este projeto recebeu recursos por
meio de Lei de Incentivo e seu
conteúdo é de responsabilidade
de seus idealizadores



ISBN: 978-65-996037-1-6

CBL



9 786599 603716



Sistema Municipal de
Desenvolvimento pela Cultura

Este projeto recebeu recursos por
meio de Lei de Incentivo e seu
conteúdo é de responsabilidade
de seus idealizadores